

ARSÈNE
LUPIN



MAURICE LEBLANC



O
RETORNO DE
ARSÈNE
LUPIN

Tradução
Bruno Anselmi Matangrano



Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em francês
*Le retour d'Arsène Lupin/Une aventure
d'Arsène Lupin/Le pardessus d'Arsène Lupin*

Texto
Maurice Leblanc

Tradução
Bruno Anselmi Matangrano

Revisão
Fernanda R. Braga Simon

Diagramação
Linea Editora

Produção editorial e projeto gráfico
Ciranda Cultural

Imagens
Nadia X/Shutterstock.com;
VectorPot/Shutterstock.com;
alex74/Shutterstock.com;
YurkaImmortal/Shutterstock.com;
klyaksun/Shutterstock.com;
Simply Amazing/Shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

L445r Leblanc, Maurice

O retorno de Arsène Lupin / Maurice Leblanc ; traduzido por Bruno Anselmi Matangrano. - Jandira, SP : Principis, 2021.
128 p. ; 15,5cm x 22,6cm. - (Arsène Lupin)

Tradução de: Le return de Arsène Lupin/Aventure/Pardessus
ISBN: 978-65-5552-341-6

1. Literatura francesa. 2. Romance. 3. Ficção. I. Matangrano, Bruno Anselmi. II. Título. III. Série.

2021-344

CDD 843

CDU 821.133.1-3

Elaborado por Odilio Hilario Moreira Junior - CRB-8/9949

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura francesa 843
2. Literatura francesa 821.133.1-3

1ª edição em 2021

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

SUMÁRIO

O sobretudo de Arsène Lupin.....	7
Uma aventura de Arsène Lupin.....	42
O retorno de Arsène Lupin	70



O SOBRETUDO DE ARSÈNE LUPIN

Com as mãos às costas, o pescoço enfiado em sua jaqueta e todo o seu ávido rosto crispado pela reflexão, Jean Rouxval media com um passo rápido seu vasto gabinete de ministro, em cujo umbral o chefe dos oficiais aguardava suas ordens. Uma ruga preocupada marcava sua testa. Escapavam-lhe gestos trêmulos traindo essa agitação extrema que nos abala em certos minutos dramáticos da vida.

Detendo-se de repente, disse com uma ênfase decidida:

– Um cavalheiro e uma dama de certa idade se apresentarão. O senhor os fará entrar no salão vermelho. Depois, virá um cavalheiro sozinho, mais jovem, que o senhor conduzirá à grande sala. Eles não podem nem se falar nem se ver, está bem? E venha me avisar na mesma hora.

– Está bem, senhor ministro.

A personalidade política de Jean Rouxval se apoiava sobre fortes qualidades de energia e inteligência laboriosa. A guerra, da qual

havia participado desde o início, para vingar seus dois filhos desaparecidos e sua esposa morta de desgosto, havia lhe conferido um senso – por vezes excessivo – de disciplina, de autoridade e de dever. Em todos os negócios aos quais os acontecimentos se misturavam, tomava sempre para si a maior responsabilidade possível. Em virtude disso, concedia a si mesmo o máximo possível de direitos. Amava seu país com uma espécie de frenesi contínuo, que lhe mostrava como justos e permitidos atos frequentemente arbitrários. Tais razões lhe valiam a estima de seus colegas, mas certa desconfiança, que suscitava o exagero de suas qualidades. Temiam sempre que ele arrastasse o gabinete para complicações inúteis.

Olhou seu relógio. Vinte para as cinco. Ainda havia tempo de dar uma olhada no dossiê do temível caso que lhe provocava tal ansiedade. Mas, nesse momento, soou o toque do telefone. Ele o tirou do gancho. Desejavam falar com ele diretamente da presidência do Conselho.

Aguardou. Por bastante tempo. Enfim, a comunicação foi estabelecida, e ele replicou:

– Sim, sou eu, meu caro presidente.

Escutou, pareceu contrariado e pronunciou com um tom um pouco amargo:

– Meu Deus, senhor presidente, vou receber o agente que acaba de me enviar. Mas o senhor não acha que sozinho eu teria obtido as certezas que buscamos...? Enfim, já que insiste, meu caro Presidente, e já que esse Hercule Petitgris é, em suas próprias palavras, um especialista em matéria de investigação, ele assistirá ao inquérito que preparei... Alô...? O senhor tem razão, meu caro presidente, tudo isso é extremamente grave, sobretudo por causa de alguns rumores que começam a circular... Se não chegar a uma

solução imediata, e a verdade confirmar nossos temores, será um escândalo terrível e um desastre para o país... Alô... Sim, sim, o senhor pode ficar tranquilo, meu caro presidente, farei o impossível para resolver... E resolverei... É preciso...

Algumas palavras ainda foram trocadas, depois Rouxval desligou o telefone e repetiu entre dentes:

– Sim... É preciso... É preciso... Tamanho escândalo...

Refletia sobre os meios que lhe permitiriam resolver tudo quando teve a sensação de que alguém se encontrava perto de si, alguém que buscava não se fazer notar.

Ele virou a cabeça e ficou paralisado. A quatro passos se erguia um indivíduo com um semblante bastante miserável, aquilo que chamamos de um pobre-diabo, e o tal pobre-diabo tinha seu chapéu à mão, segundo a humilde atitude de um mendigo em busca de um centavo.

– O que o senhor está fazendo aqui? Como entrou?

– Pela porta, senhor ministro... Seu oficial estava ocupado conduzindo umas pessoas ora à direita, ora à esquerda. Eu passei direto.

O indivíduo baixou a cabeça respeitosamente e se apresentou:

– Hercule Petitgris... “o especialista” que o senhor presidente do Conselho acaba de lhe anunciar, senhor ministro...

– Ah, o senhor escutou...? – perguntou Rouxval, irritado.

– O que o senhor teria feito em meu lugar, senhor ministro?

Era um ser magricela e lamentável, cuja expressão triste, os cabelos, o bigode, o nariz, as bochechas magras, os cantos da boca caíam melancolicamente. Seus braços desciam com lassidão ao longo de um sobretudo esverdeado que parecia não lhe caber nos ombros. Exprimia-se como se estivesse pedindo desculpas, não sem algum cuidado, mas deformando por vezes algumas sílabas, à maneira das pessoas do povo. Ele pronunciava: “sô ministro... s’oficial”.

– Até escutei, sô ministro – continuou ele –, que o senhor falava de mim como um agente. Errado! Não sou agente de nadinha de nada, pois fui dispensado, na prefeitura, por “caráter insípido, embriaguez e preguiça”. Estou citando o texto de minha dispensa.

Rouxval não conseguiu esconder seu espanto.

– Eu não entendo. O senhor presidente do Conselho o recomendou a mim como um homem capaz, dotado de uma lucidez desconcertante.

– Desconcertante, sô ministro, é bem a palavra, e é por isso que esses guardas querem me usar nos casos que ninguém resolveu ou poderia resolver, e fazendo vista grossa aos meus pequenos hábitos. O que o senhor queria? Não sou um trabalhador. Adoro beber quando dá na telha, e tenho um fraco por apostar nas cartas. Quanto ao caráter, isso não conta. Simples bobagem. Ficam me repreendendo por ser vaidoso e insolente com meus empregadores, não é? E então? Quando eles se atrapalham e eu vejo claramente, não tenho o direito de lhes dizer isso e de rir um tiquinho? Veja, sô ministro, mais de uma vez recusei dinheiro para manter o direito de cair na gargalhada. Eles ficam tão engraçados nessas horas! Olhando torto...!

Em sua expressão caída, abaixo de seus bigodes melancólicos, o canto esquerdo da sua boca se retorceu em um sorrisinho silencioso, que descobria um canino desmesurado, um canino de uma besta feroz. Durante um segundo ou dois, isso lhe deu um ar de uma alegria sardônica. Com tamanho dente, aquela figura devia morder forte.

Rouxval não tinha medo de ser mordido. Mas seu interlocutor não lhe dizia nada de bom e teria se livrado dele de pronto se o

presidente do Conselho não o tivesse imposto com uma tamanha insistência.

– Sente-se – disse, com um tom rude. – Vou interrogar e confrontar entre si três pessoas que estão aqui. Caso o senhor tenha alguma observação a fazer, deve me comunicá-la diretamente.

– Diretamente, sô ministro, e baixinho, como é meu hábito quando o supervisor se atrapalha...

Rouxval franziu o cenho. Primeiro, detestava que não mantivessem alguma distância de si. Depois, como muitos homens de ação, tinha raciocínio muito rápido e medo do ridículo. Aplicada a ele, essa expressão quanto a “trapalhadas” parecia, ao mesmo tempo, um ultraje inadmissível e uma ameaça voluntária. Mas já tocara a campainha, e o oficial entrou. Sem mais esperar, deu ordem para as três pessoas serem introduzidas.

Hercule Petitgris retirou seu sobretudo esverdeado, dobrou-o cuidadosamente e se sentou.

O cavalheiro e a dama se apresentaram primeiro. Ambos estavam de luto e tinham aparência distinta; ela, alta, ainda jovem e muito bela, com cabelos acinzentados e um pálido rosto de traços severos; ele, mais baixo, magro, elegante, com o bigode quase branco.

Jean Rouxval lhe disse:

– Senhor conde de Bois-Vernay, não é?

– Sim, senhor ministro. Minha esposa e eu recebemos sua convocação, com a qual ficamos um pouco surpresos, confesso. Mas queremos crer que ela não nos anuncia nenhum incômodo, não? Minha esposa está sofrendo bastante...

Ele a olhava com uma preocupação afetuosa. Rouxval pediu que se acomodassem e respondeu:

– Estou convencido de que tudo se resolverá da melhor forma e que a senhora de Bois-Vernay desculpará o pequeno transtorno que estou causando.

A porta se abriu de novo. Um homem de uns vinte e cinco a trinta anos avançou. Tinha condição mais modesta, pouco cuidadoso em sua apresentação, e sua fisionomia, embora simpática e agradável, trazia sinais de decadência e cansaço que ofuscavam aquele ser jovem e de ombros largos.

– O senhor é Maxime Lériot?

– Sou eu, senhor ministro.

– O senhor conhece o cavalheiro e a senhora?

– Não, senhor ministro – afirmou o recém-chegado, observando o conde e a condessa.

– Nós também não conhecemos esse senhor – falou o conde de Bois-Vernay, ante uma questão de Rouxval.

Este deu um sorriso.

– Lamento que a entrevista esteja começando com uma declaração contra a qual sou obrigado a protestar. Mas esse pequeno erro se dissipará por si só no momento oportuno. Não vamos rápido demais, e, sem nos demorar ao que não é essencial, vejamos as coisas pelo começo.

E, servindo-se do dossiê aberto sobre a mesa, ele se voltou a Maxime Lériot e pronunciou com uma voz na qual havia alguma hostilidade:

– Começaremos pelo senhor. O senhor nasceu na aldeia de Dolincourt, na região dos rios Eure e Loire, filho de um camponês trabalhador que deu o sangue para lhe dar uma educação respeitável. Devo dizer que o senhor o recompensou amplamente com o seu trabalho. Estudos sérios, conduta perfeita, atenções delicadas

para com seu pai. Em tudo o senhor se mostrou um bom filho e um impecável aluno. O recrutamento o surpreendeu nomeando-o simples soldado dos caçadores a pé¹. Quatro anos mais tarde, o senhor já era suboficial, condecorado com a Cruz de Guerra, com cinco menções honrosas. O senhor serviu em um combate. Ao fim de 1920, o senhor se encontra em Verdun². Sempre em excelente traje. Suas notas o apontam como sendo capaz de ser um bom oficial, e o senhor inclusive sonha em passar no exame. Ora, lá pela metade de novembro daquele ano, uma reviravolta. Uma noite, em uma boate de quinta categoria, depois de ter esvaziado dez garrafas de champanhe, com a cabeça confusa, ao longo de uma discussão sem motivo, o senhor saca sua espada. Alguém o detém. O senhor é levado para a delegacia, onde é revistado. O senhor traz consigo cem mil francos em dinheiro vivo. Onde o senhor conseguiu esse dinheiro? O senhor não pôde explicar.

Maxime Lériot protestou:

– Desculpe, senhor ministro, mas eu disse que esse dinheiro foi depositado para mim por alguém que quis permanecer anônimo.

– Explicação sem valor. Em todo caso, uma investigação é aberta pela autoridade militar. Que nada descobre. Mas, seis meses depois, liberado de qualquer serviço, o senhor é o centro de outro escândalo. Dessa vez, sua carteira continha quarenta mil francos em títulos da Defesa Nacional. E, ali de novo, o silêncio e o mistério.

¹ Os chamados “caçadores a pé” são uma divisão da infantaria do exército francês que participou ativamente da Primeira Guerra Mundial. Esse tipo de soldado é responsável por seguir à frente do corpo do batalhão, como batedores ou atiradores. (N.T.)

² Cidade francesa, próxima à fronteira tríplice com Luxemburgo e com a Bélgica, onde se deu entre fevereiro e dezembro de 1916 a maior batalha da Primeira Grande Guerra, conhecida como a Batalha de Verdun, na qual o exército da França se defendeu da invasão alemã. Mesmo tendo vencido, a França, assim como seu adversário, sofreu inúmeras baixas nesse conflito, incluindo mais de cem mil soldados desaparecidos ou não identificados. (N.T.)

Lériot não se deu ao trabalho de responder. Parecia considerar esses acontecimentos como totalmente insignificantes, e não se impressionou mais ante a menção de outros dois contratempos exatamente do mesmo gênero que tivera com a justiça.

– E, de novo – continuou Rouxval –, nenhuma explicação, não é? O senhor pode nos dizer como encara essa vida de devassidão que tem levado desde então? Sem emprego, sem receita declarada e, no entanto, o dinheiro escorre entre seus dedos como se a fonte fosse inesgotável.

– Tenho amigos – murmurou Maxime Lériot.

– Quais amigos? Ninguém os conhece. O bando com o qual o senhor frequenta as casas de prazer se renova constantemente e, aliás, nele só há indivíduos de má reputação que vivem à sua custa. Os agentes especiais que se ocuparam de seu caso nessa época nada descobriram, e o senhor continuou a seguir no mau caminho. Só o acaso, ou uma imprudência de sua parte, poderia se voltar contra o senhor. Foi o que aconteceu. Um dia, sob o Arco do Triunfo, não longe do túmulo do Soldado Desconhecido³, um homem se aproximou de uma dama que todos os dias ia lá rezar e lhe disse esta frase: “Aguardo amanhã o depósito do seu marido. Avise-o, senão...” O tom era ameaçador, a atitude do homem, irritada e cruel. A senhora ficou agitada e voltou rapidamente para seu automóvel. Devo especificar que uma dessas pessoas era o senhor, Maxime Lériot, e a outra, a condessa de Bois-Vernay e que, há pouco, ambos simulavam não se conhecer?

³ O túmulo do Soldado Desconhecido é um monumento inaugurado em grande pompa no dia 11 de novembro de 1920, sob o Arco do Triunfo, onde foi enterrado um corpo não identificado de um dos soldados mortos em Verdun. A tumba simboliza o conjunto de soldados que pereceram pelo país na guerra e, particularmente, aqueles desaparecidos ou cujo corpo não pôde ser identificado. O local também é conhecido como “Mármore Sagrado”. (N.T.)

Rouxval, bruscamente, levantou as mãos:

– Eu lhe suplico, meu senhor – disse ao conde, que ia interromper –, nem tente negar o evidente. Isso que estou afirmando não é o resultado de deduções ou hipóteses nem a interpretação de mexericos, mas a estrita enumeração dos fatos que chegaram até mim ou que descobri por mim mesmo. Assim como o senhor, que perdeu seu filho na guerra, e a senhora de Bois-Vernay, que vai rezar todos os dias junto ao Mármore Sagrado, também *eu* perdi os meus dois e não há semana em que eu não me detenha ali para conversar com eles. Ou seja, a cena aconteceu do meu lado. Fui eu quem escutou a frase pronunciada. E foi para minha própria satisfação pessoal, sem nada saber ainda dos incidentes que acabei de expor, que me ocupei em saber quem havia falado daquela forma e quem era a vítima do que me pareceu uma chantagem.

O conde se calou. Sua esposa não tinha se mexido. Em seu canto, o policial Hercule Petitgris balançou a cabeça, parecendo aprovar a maneira como o interrogatório estava sendo conduzido. Jean Rouxval, que o observava com o canto do olho, sentia-se seguro por isso. O dente não despontava no canto da boca. Tudo se passava, portanto, da melhor forma, e ele prosseguiu, apertando cada vez mais o laço de sua acusação:

– A partir do momento em que as circunstâncias me deram a supervisão desse caso, ele mudou de figura, pela razão que se revelou a mim mais em um âmbito do que em outro. Que eu me desse conta ou não, essa lembrança dominou todos os meus pensamentos e dirigiu a investigação que fiz quase involuntariamente, sob a ordem categórica de uma intuição à qual não pude resistir. Num instante, em vez de ver em Maxime Lériot o homem de hoje, vi o soldado de antigamente. Seu passado me interessou mais do que seu presente.